



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

BEATRIZ LUIZA FERREIRA BLUM

A ARTE NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: UMA EXPERIÊNCIA.

Brasília

2018

BEATRIZ LUIZA FERREIRA BLUM

A ARTE NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: UMA EXPERIÊNCIA.

Trabalho de conclusão de curso de
Artes Visuais, habilitação em licenciatura, do
Departamento de Artes Visuais do Instituto de
artes da Universidade de Brasília,

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lisa Minari
Hargreaves.

Brasília

2018

A ARTE NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: UMA EXPERIÊNCIA

Trabalho apresentado ao Curso de Graduação em Artes Visuais do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília – UnB como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada.

Aprovado em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a María del Rosario Tatiana Fernández Méndez
IDA/UnB - Membro

Prof.^a Dr.^a Ana Paula Aparecida Caixeta
IDA/UnB - Membro

Prof.^a Dr.^a Lisa Minari Hargreaves
IDA/UnB - Orientadora

Agradecimentos

Agradeço aos meus queridos pais pelo amor, carinho e ajuda em todas as fases da minha vida e deste trabalho.

Aos meus irmãos Antonino e Luiz, que foram obrigados a ler este trabalho.

As minhas amigas Alerandra e Giovana, por estarem sempre me apoiando e incentivando nos momentos mais difíceis.

Ao Carlos, que apesar de tudo, sempre desejou o meu melhor.

A minha querida orientadora por apoiar e sempre me colocar para cima nos momentos de indecisões.

Aos alunos da APAE – Asa Norte, DF.

E em memória da minha avó Marlene, a minha primeira professora de artes.

Resumo

Este trabalho apresenta minha experiência na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) da Asa Norte-DF, a partir de observações feitas em aulas de artes com alunos com deficiência intelectual e múltipla de idade avançada. Foi pensado com o intuito de apresentar como as Artes Visuais estão sendo trabalhadas no ensino especial e como, a partir do observado, foram elaboradas atividades para serem realizadas com os alunos. No primeiro capítulo é apresentada a história da educação especial no Brasil até a criação das APAES, com uma visão crítica de Foucault sobre a história da loucura; No segundo, as observações realizadas sobre o ambiente, o professor, as aulas e os alunos das aulas de artes. No terceiro e último capítulo é apresentado a psiquiatra Nise da Silveira (2015) e seu livro “Imagens do Inconsciente” como auxílio às análises realizadas sobre as atividades feitas pelos alunos em aula.

Palavras-chave: Educação Especial; Artes Visuais; APAE.

Sumário

Lista de figuras	7
Memorial	8
Introdução	9
1 TEMPO/ESPAÇO	10
1.1. A educação especial e sua história no Brasil	10
1.2. A APAE	11
1.3. A história da loucura	14
2 O OLHAR DO ESPAÇO	19
2.1. O ambiente	19
2.2. O professor	20
2.3. As aulas	22
2.4. Os alunos	27
3 ESPAÇO DAS ARTES.....	32
Considerações finais	39
Referências bibliográficas	40
Anexo	42

Lista de figuras

Figura 1- “Navio dos Loucos”. Hieronymus Bosch, 1490-1500.....	15
Figura 2 - Sala de aula da Oficina de Pintura	20
Figura 3 - (A) Aluna pintando imagem feita pela professora sobre história lida na aula. (B) Aluno pintando imagem feita pela professora sobre história lida na aula.....	23
Figura 4 - Aluna na aula de desenhos geométricos.	24
Figura 5 - Alunos na aula de observação de imagens.....	25
Figura 6 - Alunos recortando imagens de sua preferência em revistas na sala de teatro.	26
Figura 7 - Aluno testando a nova técnica de pintura com lápis de cor.....	26
Figura 8 - A folha grande que virou mural com as imagens recortadas	27
Figura 9 - Resultado da atividade da figura 3.....	28
Figura 10 - Caixa de suco utilizada para explicação das formas geométricas.	29
Figura 11 - Cartilhas do bingo de forma geométricas.	29
Figura 12 - Os alunos recortando suas imagens para a atividade.....	30
Figura 13 - Aluna desenhando a imagem escolhida.	31
Figura 14 - Desenho realizado pela aluna Sabrina.	31
Figura 15 - Mandalas feitas pelos pacientes de Nise da Silveira.....	33
Figura 16 - Traduções das imagens de João em retângulos.	34
Figura 17 - Desenho geométrico realizado pelo aluno Artur.	35
Figura 18 - Dois desenhos com formas circulares realizados pela aluna.	36
Figura 19 - Aluna desenhando com formas circulares a imagem escolhida.	36
Figura 20 - Escolha das cores: amarelo, vermelho e vinho pela aluna.....	37

Memorial

O tema pensado para o trabalho foi por algum milagre. Em meu último estágio supervisionado estava com dificuldade de encontrar uma escola que me aceitasse para realizá-lo por serem 20 horas de regência e, por esse motivo, pedi ajuda a um colega do curso que trabalha na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, a conhecida APAE. Esse meu colega é professor na Oficina de Pinturas para alunos de idade avançada e que me proporcionou a oportunidade de realizar o estágio no local.

Porém, logo que iniciei minhas atividades lá, percebi o quão sem preparo e conhecimento estava para conseguir atender aos alunos. Dei-me conta que deixamos de conhecer sobre o assunto por um afastamento das pessoas acerca do que não é considerado normal em nossa sociedade e acabamos tendo o mínimo ou até mesmo nada de conhecimento sobre ele. Ficamos à mercê do preparo que temos com alunos considerados sem deficiência e acabamos adotando esse modo para alunos com deficiências, tentando adaptá-lo a eles.

Entrar nesse lugar, ao mesmo tempo em que me deixou insegura, me fez perceber que era o local certo para o que estava procurando na educação. Participei do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) em uma escola no Paranoá com alunos de 9º ano do Ensino Fundamental, e de estágios supervisionados com alunos pequenos até o ensino médio e sendo sincera, nenhum desses me fez parecer estar no lugar certo.

O ensino especial pode ser desafiador, mas não impossível. Todos os tipos de ensino possuem seus desafios e caminhos a seguirem e a serem melhorados. Espero, com este trabalho, contribuir em futuras pesquisas e poder mostrar um pouco do que está sendo trabalhado no campo das Artes Visuais, no contexto inclusivo e/ou de escolas especiais.

Introdução

A educação especial no Brasil vem sendo trabalhada com mais afinco no país nos últimos anos. Apesar de ainda existirem poucas pesquisas realizadas nesse campo, principalmente na área das Artes Visuais, onde a maior parte dos trabalhos produzidos que utilizam das artes como meio de produção são da pedagogia, psicologia e terapia ocupacional. Este trabalho proporciona uma experiência vivida na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais- APAE, a partir de observações realizadas nas aulas de artes da instituição, com objetivo de mostrar como as Artes Visuais estão sendo trabalhadas com os alunos de ensino especial e como foram criadas atividades por meio das observações das aulas.

No primeiro capítulo, será apresentada uma breve história da educação especial no Brasil até o surgimento das APAES, fazendo uma pequena contextualização aos capítulos seguintes do trabalho. Apresentará, também, a história da loucura segundo Michel Foucault para uma breve introdução do desenrolar da história da educação especial no país. Realizando uma pequena análise crítica sobre esse desenrolar que perdura até a atualidade, existindo, ainda, uma luta a inclusão de pessoas com deficiências em nosso meio social.

No segundo capítulo estarão as observações realizadas sobre a instituição, por meio de temas escolhidos a serem trabalhados. Os temas foram separados em tópicos: o ambiente, os professores, as aulas e os alunos. As observações foram realizadas com alunos de idade avançada ou que não conseguiram ser incluídos no mercado de trabalho. Todos os temas escolhidos foram observados a partir da oficina de pintura existente no local. Sendo que no tópico “ambiente” será apresentado o espaço e a sala de aula, em “professor”, sua formação e práticas didáticas, em “aulas”, atividades realizadas pela professora e por mim, e em “alunos”, os resultados obtidos sobre as atividades e minhas percepções sobre seus comportamentos diante dos trabalhos realizados.

O terceiro e último capítulo teve como ponto inicial a apresentação da psiquiatra brasileira Nise da Silveira e seu livro *Imagens do Inconsciente* (2015), utilizados para uma análise sobre as atividades realizadas pelos alunos na oficina de pintura, servindo como referência para observação dos desenhos dos alunos, encerrando assim, as observações feitas sobre os alunos e suas atividades de artes.

1 TEMPO/ESPAÇO

Este capítulo contextualizará a história da educação especial no Brasil até a criação das APAES. A história será apresentada a partir de fatos históricos e da perspectiva de Foucault (1978) através da história da loucura que acabou culminando na história do ensino especial no Brasil que conhecemos hoje. Esse ponto será uma reflexão de como foi desenvolvida a história das pessoas com deficiências no país.

1.1. A educação especial e sua história no Brasil

Educação especial, de acordo com o documento¹ escrito pela Secretaria de Educação Especial, em 2008, é a educação especializada que dá suporte aos alunos que necessitam de atendimento diferenciado, suprimindo o ensino comum dado aos demais alunos considerados sem deficiências. São criadas instituições, escolas e classes especiais para fornecer o atendimento aos alunos, com compreensões, terminologias e modalidades diferentes para o ensino. Nessas organizações, o atendimento clínico terapêutico é utilizado para diagnosticar e ajudar o desenvolvimento de práticas escolares para os alunos com deficiência.

A história da educação especial no Brasil teve seu marco inicial no final do século XIX, durante o reinado de Dom Pedro II, com a criação do Instituto dos Meninos Cegos, em 1854, e do Instituto dos Surdos-Mudos, em 1857 (JANNUZZI, 1985, 2004; MAZZOTTA, 2005)², localizados no Rio de Janeiro. Hoje, respectivamente, Instituto Benjamin Constant – IBC e Instituto Nacional da Educação dos Surdos – INES. São consideradas criações inusitadas devido ao momento histórico do Brasil, quando havia poucas ou quase nenhuma iniciativa para educação da população (GONÇALVES MENDES, 2009), sendo priorizada a educação da elite da época.

¹ BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**, 2008.

² Segundo Gonçalves Mendes (2009, p. 94, apud Jannuzzi, 1985, 2004; Mazzotta, 2005), “Breve histórico da educação especial no Brasil”.

A partir da primeira república, em 1889, estudiosos entusiasmados pela modernização do ensino, trouxeram da Europa inovações para a educação brasileira (ARANHA, 2005)³; quando então, os médicos começaram a estudar mais sobre crianças com deficiências psíquicas e criaram institutos especiais para elas em sanatórios psiquiátricos.

Após a Primeira Guerra Mundial, o Brasil e o resto do mundo tiveram um aumento significativo em suas indústrias. Dessa forma, o Brasil necessitou de maior número de mão-de-obra qualificada para suprir a demanda das indústrias brasileiras. E assim, entre as décadas de vinte e trinta, houve um aumento da educação primária pública com diminuição de tempo de estudos para que pudessem conciliar com o trabalho nas indústrias (GONÇALVES MENDES, 2009).

Em 1929, chega ao Brasil a psicóloga Helena Antipoff, trazida da Rússia, para dar palestras a professores brasileiros sobre educação. É considerada um grande nome para a educação especial, criando, em 1939, uma escola para criança excepcionais na Fazenda do Rosário, que persiste até hoje em Minas Gerais (CAMPOS, 2003)⁴. Também participou do movimento que culminou na criação da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, em 1954 (GONÇALVES MENDES, 2009).

1.2. A APAE

Depois da Segunda Guerra Mundial, durante a Segunda República (1945-1964), foram criados mais de 190 estabelecimentos para pessoas com deficiência intelectual (Jannuzzi, 1992); dentre esses, a APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais). Criada no Rio de Janeiro, em 1954, graças à estadunidense Beatrice Bemis que, por ter uma filha com Síndrome de Down, já participava de associações de pais e amigos nos Estados Unidos e ficou impressionada por não ter uma no Brasil.

A APAE foi criada por um grupo de pais, amigos, professores e médicos de pessoas com deficiência que gostaram da ideia da estadunidense. Juntaram-se à Sociedade de Pestalozzi do Brasil para uma reunião em 1955, que cederam parte de uma prisão como prédio para a instituição inicial. Começaram com duas classes para alunos especiais com

³ Segundo Gonçalves Mendes (2009, p. 94, apud Aranha, 2005), “Breve histórico da educação especial no Brasil”.

⁴ Segundo Gonçalves Mendes (2009, p. 96, Campos, 2003), “Breve histórico da educação especial no Brasil”.

cerca de vinte crianças. Foram criadas cerca de dezesseis APAES pelo Brasil até o ano de 1962. A partir disso perceberam a necessidade de criação de uma federação para juntar as APAES espalhadas pelo país. Para que tivessem mais facilidade nas articulações de ideias, foi criada então a Federação Nacional das APAEs - FENAPAE, no dia 10 de novembro de 1962, em São Paulo.

A FENAPAE é uma entidade filantrópica⁵ que tem como o objetivo prestar serviço a pessoas com deficiência, não tendo como finalidade a obtenção de lucros. Atualmente, o Brasil possui mais de duas mil instituições espalhadas pelo país, tornando-se a maior entidade filantrópica existente no território brasileiro. É importante citar que a ampliação significativa de APAES pelo país até o ano de 1962 foi decisiva para o surgimento da Campanha de Educação e Reabilitação de Deficientes Mentais (CADEME), criada em 1960, pelo Decreto nº 48.961, de 22 de setembro de 1960, que de acordo com o Art.3º do decreto, dizia: “Art. 3º A C.A.D.E.M.E. tem por finalidade, promover em todo o território nacional, a educação, treinamento, reabilitação e assistência educacional das crianças retardadas e outros deficientes mentais de qualquer idade ou sexo [...]”.

Hoje, a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, que conta com cerca de 250 mil pessoas com deficiência intelectual e múltipla, tem como objetivo prestar serviços de educação, saúde e assistência social, defender e promover o direito das pessoas com deficiência.

A APAE oferece várias áreas de atendimento, como:

- Ensino Fundamental;
- Educação de jovens e adultos;
- Inclusão ao mercado de trabalho;
- Autodefensoria e família.

⁵ “Trata-se, também, de uma sociedade sem fins lucrativos (associação ou fundação), criada com o propósito de produzir o bem, tais como: assistir à família, à maternidade, à infância, à adolescência, à velhice, promovendo ainda a habilitação e reabilitação das pessoas portadoras de deficiência e integração ao mercado do trabalho” (Revista Filantropia, 2008).

Promove, também, a estimulação dos alunos a partir das artes, da educação física e do lazer. Outros atendimentos podem ser verificados no *site*⁶ da APAE Brasil, onde há muitas informações e novidades sobre as unidades espalhadas pelo país.

Em Brasília-DF, foi instalada a sede da FENAPAE e existem quatro unidades Apaeanas, localizadas na Asa Norte, Ceilândia, Guará e em Sobradinho. O principal prédio é o da Asa Norte, inaugurado em 1994, onde oferecem os principais programas, projetos e serviços para as pessoas com deficiências. A unidade oferece cinco tipos de atendimentos, em que cada atendimento tem suas especificidades que podem ser consultadas no *site* da APAE/DF da sede Asa Norte:

- Programa de Educação Profissional e Trabalho (EPT);
- Programa Acadêmico;
- Centro-Dia: Atendimento Sócio- Ocupacional;
- Serviço de inserção e acompanhamento profissional;
- Serviço de atendimento multiprofissional.

Sua missão, segundo o Art. 3º do Estatuto da APAE do Distrito Federal, é “promover e articular ações de defesa de direitos e prevenção, orientações, prestação de serviços, apoio à família, direcionadas à melhoria da qualidade de vida da pessoa com deficiência e à construção de uma sociedade justa e solidária.”.

A APAE tornou-se um grande centro de atendimento às pessoas com deficiência intelectual e múltiplas, tendo em vista a integração dessas pessoas na sociedade a partir da inclusão social (Lei nº 13.146)⁷, criando-se muitos debates sobre o assunto. O autor Sasaki (2010) é um dos que fazem crítica a um sistema de inclusão onde os alunos com deficiência devem se adequar ao modo que a sociedade necessita para que depois sejam integrados. Ele diz:

Para incluir todas as pessoas, a sociedade deve ser modificada a partir do entendimento de que ela é que precisa ser capaz de atender às necessidades de seus membros. O desenvolvimento, por meio da educação, reabilitação, qualificação do profissional etc, das pessoas com deficiência deve ocorrer dentro do processo de

⁶ APAE do Distrito Federal <www.apaedf.com.br>

⁷ Lei nº 13.146. “Art. 1º. É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania”.

inclusão e não como um pré-requisito para estas pessoas poderem fazer parte da sociedade. (SASSAKI, 2010, p. 40).

Nos últimos tempos, vem sendo feitas discussões sobre o ensino inclusivo e exclusivo sobre o papel de instituições de ensino especial que, mesmo tendo o intuito de ajudar as pessoas que necessitam, acabam excluindo-as de um convívio comum aos outros, por não conseguirem se adequar ao sistema imposto e terem que se adaptar para conseguir se encaixar em sua sociedade. Essa discussão mostra o problema que ocorre na educação de uma instituição que molda o aluno para sua adequação à sociedade, não deixando que a própria instituição se adeque ao aluno.

1.3. A história da loucura

“História da loucura é a história de medicalização: nem sempre o louco foi percebido com doente mental, objeto médico e científico de tratamento”- Inês Lacerda Araújo, 2008.

Vimos um breve histórico da educação especial no Brasil até a criação da APAE, a partir de fatos e informações específicas. Agora, será apresentada outra visão da história da educação especial até como se concretizou no que é atualmente, a partir da perspectiva de Foucault (História da loucura na Idade Clássica, 1978).

Pessoas que hoje são diagnosticadas com alguma deficiência ou anormalidade diante do padrão que havia em cada época foram consideradas loucas durante boa parte da história. Podemos dizer que essas padronizações são recorrentes e sustentadas em nossa sociedade contemporânea, por ainda estarmos em recorrentes organizações e debates para a inclusão dessas pessoas em nosso meio social. Todos que não estavam de acordo com os comportamentos aceitáveis para a época eram considerados loucos.

Segundo Inês Lacerda Araújo em seu livro *Foucault e a crítica do sujeito* (2008), a história da loucura por Foucault foi composta por três momentos: Nau, A loucura internada no hospital e A loucura sob o olhar médico no espaço asilar. O primeiro momento, nomeado “Nau”, caracterizou-se com o fim da Idade Média, quando a exclusão de leprosos da sociedade deu fim à disseminação da doença entre a população. Ainda nesse momento não havia um destino aos considerados loucos, mas a partir dessa exclusão, médicos começaram a

cuidar dessas pessoas. Antes do Renascimento, os loucos eram abandonados na Nau dos Loucos “[...] estranho barco que desliza ao longo dos calmos rios da Renânia e dos canais flamengos” (FOUCAULT, 1978), com um viés de purgatório para que tivessem de se purificar. A pintura abaixo mostra uma representação do que seria o Nau dos loucos durante a Idade Medieval.



Figura 1- “Navio dos Loucos”. Hieronymus Bosch, 1490-1500.

Fonte: <https://acasadevidro.com/2017/03/02/foucault-e-a-nau-dos-loucos-por-esther-diaz/>

O segundo momento, ‘A loucura internada no hospital’, traz a visão de uma maior exclusão dos considerados loucos, diante da sociedade. Em meio à crise econômica da época, os excluídos da sociedade eram internados para que fossem retirados do convívio com os demais considerados homens de morais aceitas pelo espaço. Os não aceitos eram pobres, desempregados, indigentes e insanos; esses que não contribuíam para o melhoramento da sociedade eram afastados, “[...] o ócio provoca todos os vícios. Vem daí a associação da loucura com a inutilidade social, ficando ela fora do circuito de ordem burguesa” (ARAÚJO, 2008 p.28). Foucault fala da alienação criada pela exclusão (ARAÚJO, 2008 p. 28).

Nessa época, quem causa a exclusão não é o médico ainda e sim, a sociedade que os quer segregados pelos “bons costumes” e morais (ARAÚJO, 2008). A racionalidade era arbítrio para decidir o que se encaixa em loucura ou em normalidade; o louco não usava da razão, tornando-os dispensáveis. A partir da razão, os não considerados loucos, mas pobres, e os desempregados poderiam ter empregos e trabalhar recebendo pouco para que o capitalismo, a pouco instaurado, continuasse maquinando e dessem proveitos aos demais. E assim, os loucos foram diferenciados dos pobres criando-se, pela *boa* burguesia, instituições que as separassem da loucura.

O terceiro momento traz a ideia da exclusão feita pelos médicos. A partir do século XIX, o louco é identificado como doente mental, passando a ser analisado como um objeto científico. Os loucos foram levados a asilos, um local para que pudessem ser *tratados e curados* diante de uma falsa realidade de mundo. A alienação passou a ser o mundo deles, criando-se hierarquias, exigindo-se obediência e moralidade. Uma vez que o homem considerado louco não utiliza da razão para a realização de seus atos e pensamentos, ele acaba sendo irresponsável por esses, “Se é julgado culpado, houve determinações, isto é, ele era outro que não ele próprio, não livre. Daí o criminoso, quando louco, ser internado e não encarcerado” (ARAÚJO, 2008). Foi a partir daí que a criação de novos métodos para a cura da loucura foram sendo desenvolvidos, métodos perigosos como: eletrochoque, insulinoaterapia e lobotomia.

Em relação ao Brasil, muitas das iniciativas para inclusão de pessoas com deficiência ocorreram a partir do século XX, com a criação de entidades, estudos e leis. Um grande nome no Brasil na área de psiquiatria foi Nise da Silveira (1905-1999); uma psiquiatra brasileira, nascida em Maceió, que revolucionou o mundo da psiquiatria. Era contra os tratamentos utilizados na época (citados anteriormente) para a *cura* de pessoas com esquizofrenia e outras doenças psíquicas. Fez das artes plásticas um modo de comunicação e tratamento, dando aos

pacientes a oportunidade de expressarem, por meio das artes, seus desejos, emoções e sentimentos.

Assim, quando falamos da história da loucura no Brasil até os dias atuais, podemos ver uma grande evolução, continuando a ser uma luta diária para a integração de pessoas com deficiências em nosso meio social. Mesmo tendo um desenvolvimento atrasado em relação aos movimentos europeus e estadunidenses, há a um grande avanço no Brasil em relação à inclusão social dessas pessoas no país, mostrando grandes estudos feitos, como de Nise da Silveira, e criação de instituições como a APAE.

2 O OLHAR DO ESPAÇO

Este capítulo apresenta minhas observações sobre o espaço da APAE, na Asa Norte-DF, a partir das aulas de artes para alunos idosos com deficiência intelectual e múltipla. Os pontos observados durante a experiência na instituição foram o ambiente, o professor, a aula e, por fim, os alunos. Por meio de perguntas feitas aos professores de artes da instituição, foram aprimorados alguns dos pontos escolhidos para serem trabalhados.

2.1. O ambiente

Olhando o prédio de fora, percebi um lugar fechado. Para um descuidado observador talvez o local passasse despercebido. As cores de maior destaque são o azul e o amarelo, que caracterizam a APAE. A parte de dentro do prédio tem muito bege, muitas propagandas de eventos e informativos importantes para o local. O prédio possui dois andares; no primeiro, há algumas salas, a biblioteca, o refeitório, a lanchonete e a secretaria.

O segundo andar foi o local de minhas observações. Resumidamente, há três setores: o EJA (Educação de Jovens e Adultos), a parte administrativa da APAE e, por último, o lugar onde se passa a maior parte do que foi observado: a área das oficinas, o Centro-Dia. Nessa área, são atendidos os alunos com idades mais avançadas e com alguma debilitação que os impedem de participarem da inclusão no mercado de trabalho.

A sala onde fiz as observações é compartilhada por dois professores, em diferentes turnos; se um trabalha pela manhã, o outro trabalha à tarde. O setor trabalha com oficinas e fiquei com a de pintura. Na sala, há uma janela grande pela qual se avista um pátio de cimento, com carros estacionados, sem áreas verdes e sem atrativos. Na parede à esquerda de quem entra na sala, há um armário bege que a ocupa quase por inteiro, restando apenas estantes onde os professores colocam os trabalhos dos alunos e jogos educativos. Em cima do armário, encontram-se várias telas pintadas pelos alunos com muitos temas e cores. No meio da sala, há uma mesa grande com oito lugares para os alunos se sentarem e realizarem suas atividades. Perto da janela, pela qual se avista o pátio, há uma pia para que os alunos possam lavar os pincéis utilizados, lavar as mãos ou somente pegar água. Na parede à direita, há um quadro branco, pouco utilizado pelo professor ou pelos alunos. O quadro ocupa praticamente

a parede toda; tal espaço poderia ser usado para os alunos exporem seus trabalhos realizados, o que deixaria o ambiente mais colorido. Na parede da porta, há uma janela grande para que quem estiver fora possa ver o que acontece dentro do cômodo (figura 2).



Figura 2 - Sala de aula da Oficina de Pintura.

Uma questão observada a partir do espaço da sala de aula é a falta do próprio para uma produção artística mais livre e independente de cadeiras e mesas. A professora, com quem estive observando durante esse tempo, também comentou que precisava de um espaço mais livre para a realização de atividades dinâmicas. Fomos algumas vezes à sala de teatro, onde o espaço é maior e existem poucas cadeiras e mesas. Percebi uma liberdade maior para o desenvolvimento dos trabalhos propostos.

2.2. O professor

Durante quase dois meses, observei e participei das atividades da oficina de pintura que a professora desenvolvia com os alunos. Com perguntas rápidas sobre sua formação, comentou ser formada em artes cênicas e não plásticas; falou também de sua dificuldade sobre trabalhar os temas propostos como: desenho, técnicas de pintura, história das artes

visuais e outros. Seus planos de aula (Anexo 1) foram produzidos a partir da literatura, onde tem mais facilidade de ensino. Sua proposta seria mesclar histórias com desenho e pintura. Em uma pergunta feita sobre suas dificuldades diante do ensino especial, sua resposta foi: “Não há preparo. Muitos entram aqui sem nunca terem trabalhado na área; há muito pouco estudo sobre o assunto e práticas para a docência, não existem palestras ou cursos para a capacitação dos professores que entram”. Comentou, ainda, sobre a falta de iniciativas para ensino e da falta de apresentação da educação especial dentro das universidades. A pedagogia na Universidade de Brasília é o único departamento onde são ofertadas turmas de Ensino Especial obrigatório para todos os estudantes do curso. Alunos de licenciatura de outros cursos muitas vezes não sabem da existência da matéria e os que acabam conhecendo é por interesse no assunto, buscando cursá-la.

O professor do horário oposto ao observado também respondeu sobre as dificuldades existentes. Relatou o mesmo problema sobre poucas pesquisas e recursos didáticos que possam ser utilizados nas aulas de artes; a falta de estudos desenvolvidos na área das artes dificultou suas aulas no início, o que o levou a desenvolver seus próprios projetos de artes com os alunos, observando o que dava certo ou não.

Uma grande parte da criação de atividades é feita por experimentações, tendo algumas bases de estudos anteriores em áreas da pedagogia, psicologia e terapia ocupacional. Os professores pontuam também o fato de que os alunos que trabalham com eles não estão em uma escola e sim, em oficinas. Os conteúdos teóricos não são necessários para a apresentação de atividades aos alunos. O importante é a dinâmica que a aula pode ter com os trabalhos de artes, procurando dar atividades que os incentivem a fazer fora da APAE, como venda de seus trabalhos, desenvolvimento de habilidades motoras, socialização diante dos outros colegas e familiares, entre outros incentivos.

A dificuldade, de acordo com a professora de teatro da APAE, é mais burocrática diante de suas propostas de atividades. Os planos de aulas devem ter punho pedagógico para que possam ser aprovados pela coordenação. Suas atividades são baseadas em incentivo aos alunos para entrarem no mercado de trabalho; oficinas de costura, de teatro são as principais propostas para os planos de aula. A professora comentou que está há cinco anos tentando a aprovação de seus projetos, mas não obteve sucesso até agora.

Uma questão observada e já comentada, mas de suma importância, é o fato de que a professora de artes cênicas trabalha em aulas de artes visuais e, mesmo seu contrato sendo temporário, e podendo ficar só um ano na instituição se não for renovado, caímos na questão

de achar que as artes, tanto visuais quanto cênicas, são iguais e ensinadas do mesmo jeito. E essa é uma reclamação feita pela própria professora. Ela fala de suas dificuldades diante das propostas para as artes visuais. Isso acontece muito no ensino público, onde professores de artes cênicas, música e artes visuais podem ocupar a mesma vaga para serem professores de todos os ensinamentos da arte, prejudicando, além do professor, que não possui formação em todas essas áreas, os alunos, uma vez que os professores acabam dando matérias de sua formação, deixando lacunas nas outras disciplinas.

2.3. As aulas

Essa parte das observações foi dividida em: (a) observações das aulas propostas pela professora, e (b) algumas observações propostas por mim, como voluntária da instituição. Primeiramente, farei uma descrição das turmas observadas. Cada turma possui, em média, cinco alunos. Devido ao não comparecimento de alunos ou professores, esse número pode variar para muito mais ou muito menos. As aulas são divididas em dois horários no turno da tarde, com uma aula de 2 horas no primeiro horário e 1h30 no segundo horário. Minhas observações foram realizadas durante dois dias da semana, durante a tarde, num total de quatro turmas diferentes.

Comecei observando o tipo de aula e, como já relatado, as aulas eram feitas a partir de leituras de histórias, acrescidas de desenhos ou pinturas sobre os textos. Uma questão importante de se mencionar é que os desenhos eram feitos pela professora e não pelos alunos, a atividade era a pintura desses desenhos. Todos os desenhos eram figurativos e de formas simples para sua confecção; a escolha de cores ou era feita pelo próprio aluno ou a professora opinava para a escolha.

Podemos ver na *figura 3 (A e B)*, dois dos desenhos realizados pela professora a partir da história contada no dia e as pinturas sendo feitas pelos alunos.

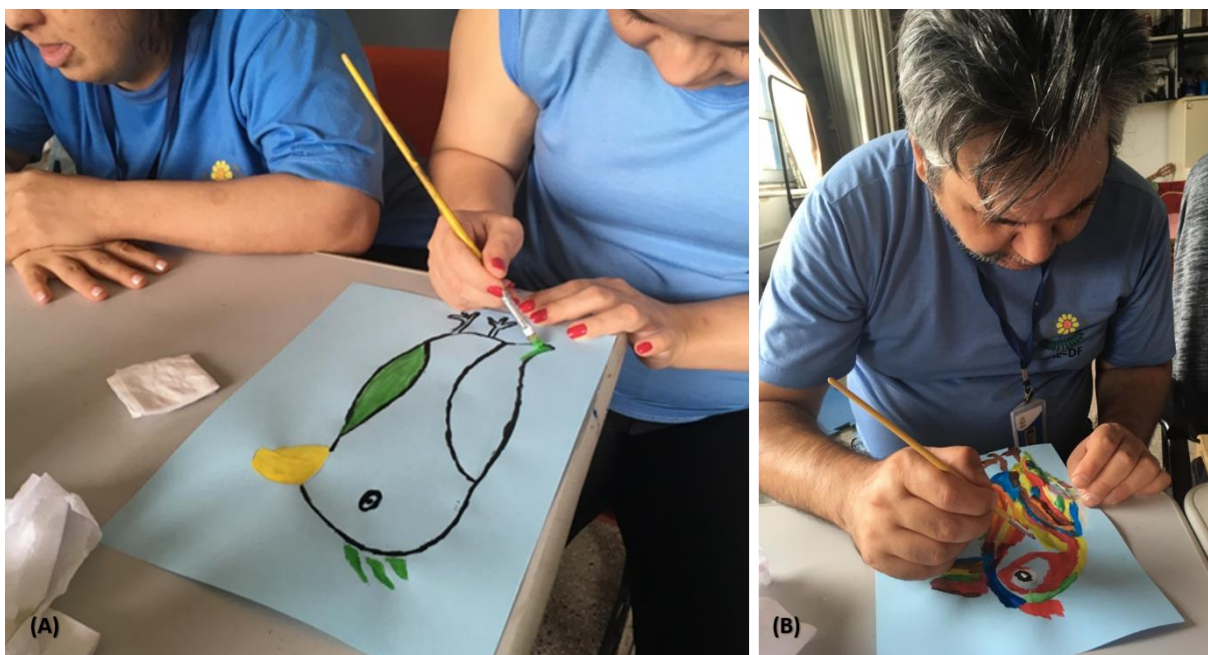


Figura 3 - (A) Aluna pintando imagem feita pela professora sobre história lida na aula. (B) Aluno pintando imagem feita pela professora sobre história lida na aula.

Percebi que ocorriam muitas restrições na hora de utilizar as tintas a fim de que não houvesse bagunça e sujeira. A sala deveria ser mantida limpa e arrumada todas as vezes que se utilizava tinta como recurso de pintura, o que acabava não deixando livre seu uso, culminando na desistência, por parte da professora, em dar aula com esse tipo de material.

A falta de material também é outro ponto importante. Segundo os professores, quando pedem os materiais no início do ano ou de cada semestre, ou demoram ou não chegam, por falta de recursos financeiros ou por burocracia. Essa dificuldade é a que mais pesa na hora de dar as aulas segundo os professores. Muitas vezes quando um professor de uma oficina falta, os alunos são mandados para outras oficinas, agrupando muita gente em uma única sala, não havendo recursos suficientes para atender a todos.

Os materiais mais utilizados nas aulas da professora foram papéis brancos, tintas acrílicas, lápis de cor, giz de cera, cola e papéis coloridos. Seus trabalhos, a partir da leitura feita, em sua maioria, eram animais e personagens, muitas vezes pintados individualmente. Quando produzido coletivamente, cada aluno teria seu tempo para a produção de uma parte do trabalho, demorando um tempo para que cada um fizesse sua parte; paralelamente, os que não estavam fazendo o trabalho ficavam desenhando ou pintando outros desenhos.

A partir das aulas observadas, resolvi propor atividades em que os alunos trabalhassem suas criatividade, dando a oportunidade de desenvolverem suas próprias ideias, sem dependerem do professor para a realização de seus desenhos. Propus primeiramente uma aula

sobre as formas geométricas (Figura 3) e depois uma aula de observação de imagens (Figura 4). Todas as aulas foram baseadas no desenho, pela falta que senti deles estarem produzindo os seus próprios. Quis, também, propor formas diferentes de pintar com o lápis de cor para que pudessem experimentar novos modos de pintura.

O primeiro dia com as turmas não foi complicado; consegui realizar a primeira atividade proposta, que seria as das formas geométricas. Trouxe essa atividade porque percebi que não conseguiam distinguir, pelo nome, cada forma geométrica ou não sabiam sobre qual estávamos falando. Pode-se perceber na *Figura 4* que a aluna desenha a forma e as nomeia como um exercício de memorização. As turmas estavam com poucos alunos; sendo assim, consegui dar atenção para cada um quando precisavam. Utilizei objetos (caixas, potes etc.) para poder mostrar como as formas são e funcionam. Expliquei principalmente os nomes de cada forma para que pudessem entender quando era pedido para desenhar. Para cada turma, houve um jeito diferente de explicar. Em duas utilizei um jogo que produzi: os bingos de formas geométricas; em vez dos números, foram feitas formas com cores diferentes. Esse jogo foi utilizado para que as aulas não ficassem tão cansativas.



Figura 4 - Aluna na aula de desenhos geométricos.



Figura 5 - Alunos na aula de observação de imagens.

Nas aulas seguintes, trabalhei com eles a observação de imagem. Pedi para que recortassem das revistas imagens que gostassem (Figura 6), podendo ser qualquer tipo de imagem que os agradassem. Muitos recortaram pessoas, paisagens e objetos, havendo no final uma porção grande de figuras. Em seguida, pedi para que escolhessem apenas uma figura das recortadas para que pudessem desenhar a escolhida.

Em uma das aulas, estávamos na sala de teatro com muito mais espaço para a realização da atividade. Dei uma folha grande para que todos trabalhassem nessa única folha, colamos as figuras escolhidas e pedi para que desenhassem ao lado delas. Muito escolheram figuras simples e outros as mais bonitas. O único critério utilizado dessa atividade foi desenhar o que enxergavam; poderiam fazer a composição do desenho do jeito que achassem melhor. Utilizei a ideia de Nise da Silveira (2015), tentando deixar que a imaginação fluísse sem interferências externas.

A atividade com folha grande foi realizada em apenas uma turma. Quando terminaram, pedi para que colassem as outras figuras recortadas formando um mural de figuras favoritas (figura 8).

Em outros dias, não tendo mais folhas grandes, utilizei as brancas A4. O esquema era o mesmo e, ao final, se houvesse tempo, poderiam desenhar mais de uma figura. Em algumas

aulas aos alunos que terminavam e ainda tinham tempo suficiente para mais uma atividade, tentava mostrar uma técnica de pintura diferente para que pudessem utilizá-la em seus próximos desenhos (figura 7). Como o tempo era curto, em algumas turmas não tive a oportunidade de realizar essa atividade com sucesso; então, optei por deixá-la para outra ocasião.



Figura 6 - Alunos recortando imagens de sua preferência em revistas na sala de teatro.



Figura 7 - Aluno testando a nova técnica de pintura com lápis de cor.

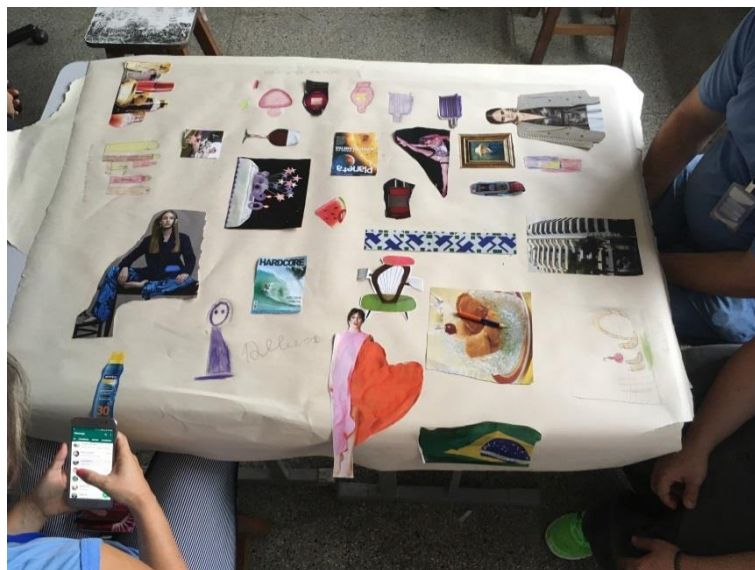


Figura 8 - A folha grande que virou mural com as imagens recortadas.

Os resultados observados sobre os alunos diante das atividades realizadas estarão no tópico seguinte, que mostrará como reagiram e colaboram com as aulas propostas.

2.4. Os alunos

Nas aulas realizadas pela professora, percebi que os alunos não participavam tanto com suas próprias ideias, realizavam apenas o proposto para a aula, não questionando o que era pedido. Quando os alunos tinham a oportunidade de escolher as cores de seus desenhos, vi que tinham mais vontade de realizá-las, podendo colorir da forma que gostavam e usar a criatividade em seus trabalhos.

Reparei que muitos alunos quando estão fazendo suas atividades levam muito a sério, ficam concentrados e se empenham muito para deixá-lo bem feito. Muitos reparam em detalhes de seus trabalhos, tentando deixar cada vez melhor o que estão realizando. Geralmente, não demoram muito tempo para a realização; tendem a realizar o mais rápido possível, diante da necessidade de cada um. Como exemplo, alunos com problemas nas articulações de suas mãos fazem o possível para terminarem mais rápido, mas respeitando as dificuldades envolvidas.



Figura 9 - Resultado da atividade da figura 3.

Comecei dando as minhas aulas com poucos alunos. Na primeira vez que fui dar a atividade, fiquei apenas com uma aluna. Consegui observar melhor o que deveria mudar e ajudar cada aluno nas aulas seguintes: mudei o modo de explicar, a duração da aula e os objetos que estava utilizando nas explicações (figura 10). Fiz essas mudanças porque percebi o cansaço da aluna nas explicações e tempo de duração da aula; como estava sozinha, fiquei muito tempo apenas com ela, tendo mais coisas para fazer. Mudei os objetos para acrescentar o jogo “Bingo”, tentando deixar mais perceptível as formas geométricas para que pudessem ter maior entendimento e deixar a aula mais dinâmica (figura 11).

Nas aulas seguintes, com o jogo tive melhores resultados quanto ao entendimento das formas. Os alunos entenderam o combinado e entenderam melhor a proposta da atividade. O tema foi mais divertido para eles, sob a minha percepção dos resultados obtidos. Achei divertido que alguns alunos de outras oficinas ficaram sabendo das aulas de desenho e pediram para participar quando possível, justificando que nunca haviam aprendido.



Figura 10 - Caixa de suco utilizada para explicação das formas geométricas.



Figura 11 - Cartilhas do bingo de forma geométricas.

Gostaria de enfatizar o fato de estar trabalhando com alunos de idades mais avançadas. Devemos comentar em todo início de aula o que foi feito na anterior, para estar sempre relembando o que foi realizado. Ressaltando que nem todos precisam da recordação, alguns lembram muito bem o que foi trabalhado. E a partir disso, pelo pouco espaço de tempo para as aulas serem realizadas, a memorização das atividades foram difíceis.

Passei para a segunda atividade, porque era o que realmente gostaria de fazer com os alunos: deixá-los mais livres para desenharem. Como falado no tópico “Aulas”, a ideia era recortar imagens que gostassem para depois escolherem uma e desenharem o que estavam vendo nas figuras. A ideia (que será citada no terceiro capítulo) de Nise da Silveira (2015) foi

utilizada para deixar livres as observações dos alunos quanto à figura, fazendo do jeito que acreditavam que ficariam melhor seus desenhos, dando oportunidade de expressar e desenvolver seus desenhos a partir de seus pontos de vistas. Pelos resultados das atividades, consegui observar o olhar de cada um sobre suas imagens (figuras 12 a 14), podendo entender que a proposta estava no caminho certo para a liberação de seu imaginário. Algumas vezes precisei ajudar um aluno ou outro porque não estavam conseguindo nem começar a atividade; entretanto, lembrando a eles as formas geométricas, conseguiram dar início, facilitando o resto a partir daí. As imagens poderão mostrar melhor os resultados obtidos das atividades realizadas.



Figura 12 - Os alunos recortando suas imagens para a atividade.



Figura 13 - Aluna desenhando a imagem escolhida.



Figura 14 - Desenho realizado pela aluna Sabrina.

3 ESPAÇO DAS ARTES

Começamos esse capítulo com a introdução da médica Nise da Silveira (1905-1999), um nome revolucionário para a psiquiatria brasileira já citada nos capítulos anteriores. Uma das primeiras mulheres formadas em Medicina no Brasil, revolucionou a área psiquiátrica a partir de sua oposição aos métodos utilizados para a cura de pessoas com doenças psíquicas. Acreditava que esses métodos eram desumanos e ineficazes ao tratamento dessas pessoas. Deu início ao seu trabalho com pessoas esquizofrênicas em 1946, no Centro Psiquiátrico Pedro II, Rio de Janeiro, dirigindo a seção de terapêutica ocupacional.⁸

Nise da Silveira, em seu livro ‘Imagens do inconsciente’ (2015), conta sua experiência sobre o atelier de artes para pessoas com esquizofrenia, criado no centro psiquiátrico na área da terapia ocupacional. Escreve que de todas as atividades propostas para o setor, a que mais se destacou foi a da pintura e desenho. O livro é feito a partir de suas análises sobre as imagens realizadas pelos pacientes com a intenção de entender os seus significados para o tratamento psíquico deles. Em uma de suas primeiras percepções sobre os trabalhos realizados é a quantidade de abstrações encontradas nas pinturas. Entende-se que o homem busca a abstração como meio de refúgio e tranquilidade.⁹ Nise coloca em seu livro um trecho de Paul Klee em seu Diário, durante a Primeira Guerra Mundial em 1915: “Quanto mais o mundo se torna horrificante (como atualmente) mais a arte se torna abstrata; um mundo em paz suscita uma arte realista”¹⁰, podendo entender que a arte abstrata busca amenizar e até mesmo apaziguar os conflitos existentes no meio interno e externo das pessoas.

Por meio das imagens produzidas pelos pacientes, Nise compara emoções, sentimentos e relações interpessoais em uma busca de padrões. Esses padrões são encontrados, como citado no parágrafo anterior, a partir de abstrações, uso frequente da geometria, principalmente de formas circulares e utilização da escolha das cores pelos pacientes. De acordo com a autora esses padrões não acontecem por um acaso. Nise comentou de sua dificuldade em entender a frequência de imagens circulares nas pinturas, pedindo ajuda ao pesquisador C.G. Jung (1875-1961). Segundo o pesquisador as formas circulares estão presentes desde o início da história da arte, muitas das imagens que utilizam a forma são

⁸ SILVEIRA, Nise. Imagens do Inconsciente. 2015, p. 15.

⁹ Segundo Silveira (2015, p. 20, apud WORRINGER. 1953 p. 19) “Imagens do Inconsciente”.

¹⁰ Segundo Silveira (2015, p. 44, apud KLEE. 1964 p. 39) “Imagens do Inconsciente”.

mandalas que buscam a partir de um ponto central: o self¹¹, concretizar o resto do desenho. E a justificativa para a frequência seria que os círculos são considerados formas perfeitas podendo sugerir e criar ordem¹².



Figura 15 - Mandalas feitas pelos pacientes de Nise da Silveira.

Fonte: <<http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/mandalas.php>>

A utilização da geometria teve análise a partir do processo artístico latino americano em que muitas obras utilizam a geometria e a sensibilidade para a sua composição, uma *Geometria Sensível* de acordo com Roberto Pontual (1963 p. 199). Esses seriam dois caminhos contraditórios: geometria seria a razão, e sensibilidade a animação e imprevisibilidade, mas que por fim tentariam buscar o equilíbrio entre eles. A médica observa também o uso das cores, que criam um padrão quando há sentimentos parecidos, as estéticas tornam-se semelhantes quando utilizadas as cores escuras como exemplo, são momentos de maior perturbação ou tristeza dos pacientes. Essas observações são, atualmente, muito trabalhadas para o entendimento de emoções, sentimentos e significação de imagens.

Poderia trazer, então, a partir das análises de Nise da Silveira (2015) sobre imagens criadas pelos seus pacientes com esquizofrenia, percepções feitas a partir de minhas observações nas aulas, algumas tendências poéticas e sentidos estéticos parecidas com os trabalhos realizados pelos pacientes da psiquiatra. Deixando claro que as observações não possuem teor psiquiátrico e sim estético sobre as atividades realizadas em sala de aula.

Em pouco tempo, nas aulas de desenhos que desenvolvi com os alunos, percebi a frequência do uso da geometria para a tradução das imagens escolhidas. Quando trabalhamos com imagens de objetos palpáveis, tendemos a buscar suas formas básicas para a confecção

¹¹ “O self é o princípio e arquétipo da orientação e do sentido: nisso reside uma função curativa” JUNG, C.G. *Memories, Dreams, Reflections*. New York: Pantheon Books, 1963, p. 199.

¹² Segundo Silveira (2015, p. 61, apud JUNG. 1965 p. 100-136) “Imagens do Inconsciente”.

do desenho, facilitando o desenvolvimento. A facilidade que as formas geométricas proporcionam ao entendimento de uma imagem figurativa é bastante perceptível.

Na tradução das imagens, alguns alunos procuram o conforto das formas para seus desenhos, como exemplo a *figura 16* onde o aluno utilizou do retângulo como base em suas duas traduções de imagens. Observei um caso específico, de um aluno que não estava na oficina de pintura, mas às vezes aparecia quando realocado, que em seus desenhos apenas formas geométricas eram utilizadas, tanto paisagens quanto em pessoas eram traduzidas nelas, podemos ver na *figura 17*.

A tendência, como já citado por Nise da Silveira, em trabalhar com formas geométricas seria uma busca da razão em torná-la prática, por ser mais racional buscar o mais simples para talvez a criação do mais complexo.



Figura 16 - Traduções das imagens de João em retângulos.



Figura 17 - Desenho geométrico realizado pelo aluno Artur.

As formas circulares são vistas frequentemente no desenho de alguns alunos. Um exemplo específico é o de uma aluna com Síndrome de Down. Em uma primeira experiência pedi para que desenhasse o que quisesse, dei giz de cera e uma folha branca. Seus desenhos foram círculos de várias cores diferentes. Nas experiências seguintes, o mesmo caso aconteceu nas aulas de formas geométricas quando pedido para fazer um quadrado, triângulo ou retângulo: o que saía eram os círculos. Sua definição era uma “bola”, desenhava sempre quando pedido para desenhar. Nas traduções de imagens podemos ver a forma circular presente em seus três desenhos (figuras 18 e 19). Segundo Rudolf Arnheim em seu livro *Arte e Percepção Visual*

O círculo que com sua simetria central não particulariza nenhuma direção, é o padrão visual mais simples. É o conhecimento geral que os objetos, que se encontram demasiadamente distantes para revelar seu contorno particular, são percebidos como redondos, ao invés de como qualquer outra configuração. A perfeição da forma circular atrai a atenção. (ARNHEIM, p. 165, 1980)

Podemos entender então porque as utilizações dessas formas podem estar presentes em grande parte dos desenhos de alguns alunos; o fato de serem formas simples de serem realizadas e que atraem a atenção são justificativas plausíveis. Essas figuras não são vistas em apenas uma determinada idade, comportamento ou experiência. Pelo fato do ser humano possuir senso estético, em muitos meios poderão ser vistos as formas circulares como um padrão estético. A primeira justificativa do autor sobre seria a facilidade motora do homem

em produzir as formas arredondadas, principalmente quando criança, que ainda está desenvolvendo sua capacidade motora (2008, p.22).



Figura 18 - Dois desenhos com formas circulares realizados pela aluna.



Figura 19 - Aluna desenhando com formas circulares a imagem escolhida.

Percebendo as formas e padrões utilizados pelos alunos, observei também uma multiplicidade de cores em seus desenhos, essa percepção surgiu através das fotos retiradas dos desenhos. Em *Arte e Percepção Visual* (2008, p. 327), Arnheim cita Poussin: “As cores na pintura são, por assim dizer, engodos para seduzir os olhos, como a beleza dos versos na poesia é uma sedução para os ouvidos”, fazendo das cores uma estimulação ao olhar das pessoas sobre o objeto ou desenhos. Creio assim que, quando pintamos estamos dando vida ao trabalho para nossa satisfação visual. Buscamos também uma harmonia entre as cores escolhidas para o desenho e pintura; observei em alguns desenhos dos alunos essa harmonia de cores. Essa harmonização, de acordo com Arnheim, acontece quando há uma identificação entre duas ou mais cores. A tendência à harmonização de cores, sons e formas trazem conforto aos sentidos humanos.

Nas figuras nos desenhos dos alunos pude perceber uma busca por padrões de cores, como o azul, verde e amarelo, em outra a utilização do vermelho, amarelo e laranja. Cores que se harmonizam pelas suas semelhanças, em uma configuração simples de cores, como o azul e amarelo ou o vermelho com o amarelo, que acabam formando respectivamente o verde e laranja (figura 20).



Figura 20 - Escolha das cores: amarelo, vermelho e vinho pela aluna.

No segundo capítulo foi comentado durante a descrição de uma das atividades desenvolvidas com os alunos, sobre deixá-los livres quanto ao desenvolvimento de seus desenhos e assim, Nise da Silveira (2015) aparece como exemplificação dessa tentativa. Nas produções de seus pacientes, Nise deixa claro sua imparcialidade e tentativa de não interferir nos trabalhos deles, para que houvesse criações unicamente de suas próprias ideias.

A proposta do meu trabalho possuía a mesma intenção de não interferência nos desenhos dos alunos, para que tivessem maior liberdade sobre os desenhos. Obtive resultados muito bons sobre os trabalhos, esperava uma maior participação dos alunos a partir de suas próprias ideias e as obtive, mesmo no curto espaço de tempo. Quando deixamos os alunos se expressarem de forma voluntária sem interferências, pode não ser tão fácil encontrar resultados esperados, mas se pensar que quando sua proposta é dar liberdade para que criem a partir de suas próprias ideias, tende-se a entender que esses resultados, no mínimo que sejam, possam ser alcançados e foi isso que consegui dando essa proposta a eles. Consegui perceber suas ideias e traduções sobre o que estava sendo visto e um relaxamento dos alunos quanto ao cobrado. A estimulação deles quanto à atividade ficava evidente quando riam e comentavam sobre seus trabalhos com seus colegas e até comigo. Perguntavam e pediam ajuda sobre o que estavam fazendo de uma forma mais espontânea que nas outras aulas de pintura, quando estavam ali pintando apenas o pedido.

Acredito que se o trabalho durasse mais tempo, poderíamos ter mais resultados sobre a atividade, como Nise da Silveira obteve. Muitos dos pontos analisados por ela podem não se aplicar fortemente nessa pesquisa pelo fato de estar analisando meios de tratamento da esquizofrenia em seus pacientes; porém, a atividade pode ser muito produtiva quando vista a partir do poder de expressão dos alunos sobre seus trabalhos. Observando suas formas de expressão sobre seus desenhos, pude perceber o modo que agem e interagem sobre o seu meio social e artístico. Tanto o uso de formas geométricas, as cores e seus meios artísticos podem ser analisados sobre a perspectiva artística do campo acadêmico, fazendo do trabalho de Nise um meio de aprendizado aderente às artes.

Considerações finais

O trabalho permitiu observar e experienciar o modo que as aulas de Artes Visuais estão sendo trabalhadas no ensino especial em uma instituição própria do ensino, podendo identificar as iniciativas e as dificuldades que os professores e, até mesmo, a própria instituição podem ter ao lidar com as artes no ensino especial. Além disso, poder observar a relação dos alunos com as artes, seus comportamentos e interações entre eles.

Os alunos desde o início acolheram as ideias das atividades propostas. Quando trabalhamos com pessoas, as observações podem ir além de análises das atividades propostas. Podemos observar relacionamentos e comportamentos que nos rodeiam a partir das atividades e relações pessoais do professor com os alunos e entre eles mesmos. E todas as experiências que tive com os alunos foram ótimas, sempre muito respeitosos e brincalhões, e entre eles, a mesma percepção. Mesmo quando estavam realizando as atividades, interagiam e opinavam sobre o trabalho do colega, pediam minha ajuda e queriam mostrar como o desenho estava ficando para receber opiniões.

Posso afirmar que essa vivência foi muito proveitosa, mostrando ainda uma grande distância do ideal para aulas de Artes Visuais no ensino especial e as dificuldades que encontramos ao ter que propor aulas que se adaptem aos alunos e possam de toda forma serem úteis ao aprendizado deles.

Estimo uma melhora nas pesquisas que partem da própria área das Artes Visuais, para o engrandecimento da licenciatura na área. Dando a oportunidade a futuros alunos e pesquisadores de produzirem novos conhecimentos que ajudem a darmos melhores aulas aos alunos que necessitam do ensino especial.

Referências bibliográficas

APAE BRASIL, Federação Nacional das APAES. **História: FENAPAES, Rede APAE sua história.** Disponível em: <<https://apaebrasil.org.br/page/2>> Acesso em 11 de outubro de 2018

APAE BRASIL, Federação Nacional das APAES. **Um Pouco da História do Movimento das APAES.** Disponível em: <http://apaebrasil.org.br/arquivo.php?arq_id=12468> Acesso em 11 de outubro de 2018

APAE-DF. **Estatuto da APAE do Distrito Federal.** Disponível em: <<https://apaedf.org.br/uploads/NOVO%20ESTATUTO%20APAE-DF%202015.pdf>> Acesso em: 15 de outubro de 2018

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Foucault e a crítica do sujeito.** 1.ed. - UFPR, 2008.

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e Percepção Visual:** uma psicologia da visão criadora: nova versão. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

BRASIL. Decreto nº 48.961, de 22 de Setembro de 1960. **Institui a Campanha Nacional de Educação e Reabilitação de Deficientes Mentais.** Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-48961-22-setembro-1960-388634-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em 15 de outubro de 2018

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Art. 1º. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm> Acesso em 17 de outubro de 2018

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva,** 2008.

COSTA, Maria. (Org.) **Educação Especial: aspectos conceituais e emergentes.** São Carlos: EdUFSCar, 2009.

DESLANDES, Keila; LOURENÇO, Érika. (Org.) **Por uma Cultura dos Direitos Humanos na Escola: Princípios, meios e fins.** Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2011.

FERREIRA, Maiza; HANSEN, Adriana; JUNIOR, Leandro. **Importância das APAE: Uma pesquisa sobre a qualidade dos serviços oferecidos pela APAE Cantinho do Céu.** Revista Profissão Docente Uberaba, v. 16, n. 34, p. 155-182, Fev.-Jul., 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica.** São Paulo: Perspectiva, 1978. Disponível em: <<https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/foucault-m-histc3b3ria-da-loucura-na-idade-clc3a1ssica.pdf>> Acesso em 20 de outubro de 2018

GONÇALVES MENDES, Enicéia. **Breve histórico da educação especial no Brasil.** Revista Educación y Pedagogía, Medellín, Universidad de Antioquia, Facultad de Educación, vol. 22, núm. 57, mayo-agosto, 2010, pp. 93-109.

MELO, Israela; COSTA, Cleylton. **APAE: Um estudo sobre as formas de inclusão social voltada para pessoas com deficiência.** III Congresso Nacional de Educação, 2012.

NOGUEIRA, Mário Lúcio; OLIVEIRA, Eloiza; SÁ, Márcia. **Legislação e Políticas Públicas em Educação Inclusiva.** 2.ed. – Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

SASSAKI, R. K. **Construindo uma sociedade para todos.** 8ª ed. Rio de Janeiro: WVA, 2010.

SILVEIRA, Nise. **Imagens do Inconsciente.** 1.ed. - Petrópolis: Vozes, 2015.

Anexo

PLANO MENSAL DE AULA	
PROFESSOR(A):	[REDACTED]
DATA: 07/11/2018	MÊS: novembro
OFICINA: Artes	
ROTINA DIÁRIA: Leitura do livro: "Pedro Vira Porco-Espinho" de Janaina Tokitaka e do poema: "Uma fada foi as Compras". Faremos reflexões acerca do conteúdo do livro e do poema, e, em seguida produziremos atividades de desenho e pintura com base na estética que se apresenta no livro. Iremos retomar os estudos do mesmo livro e do mesmo poema em semanas alternadas com finalidade de fixação da temática analisada.	
OBJETIVO GERAL: Elaborar trabalhos de desenho, pintura e colagem com base nos contos livros lidos em sala de aula, refletindo seu conteúdo e produzindo atividades artísticas com base na estética que neles se apresenta. Refletir sobre a raiva (Livro: Pedro Vira Porco-Espinho) e refletir sobre como cuidar dos animais (Poema: Uma fada foi as compras).	
OBJETIVO ESPECÍFICO:	

<ul style="list-style-type: none">- Refletir sobre o conteúdo do livro Pedro Vira Porco-espinho: Refletie sobre como ficamos "espinhosos" quando estamos com raiva.- Desenhos e pinturas relacionados a leitura dos livros citados.- Refletir sobre os cuidados com os animais através da análise do poema: "Uma fada foi as Compras".- Jogos de perguntas e respostas relacionados ao livro e ao poema lidos.-Trabalhar noções estéticas do uso de cores através da pintura com tinta guache.-Trabalhar a coordenação motora através do manuseio do giz de cera e dos pincéis.- Elaboração de uma caixa com colagem para guardar materiais de arte (reutilização de sucatas como caixas e revistas).
METODOLOGIA: As aulas serão realizadas em sala de aula, com exposição oral, e jogos de perguntas e respostas acerca da temática a ser estudada, e, a subsequente produção de atividades utilizando tinta guache, pincéis, giz de cera e colagem com materiais diversos.
CONTEÚDO: Livro de literatura: "Pedro Vira Porco-Espinho" de Janaina Tokitaka. Poema: "Uma fada foi as Compras".

Anexo 1 - (Plano de aula da professora de Oficina de Pintura).